

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS

GABRIELA RODRIGUES SANTANA

**DA UNIDADE “PALAVRA” AO SIGNO LEXICAL NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA
MATERNA: uma perspectiva enunciativa**

PORTO ALEGRE
2022

GABRIELA RODRIGUES SANTANA

**DA UNIDADE “PALAVRA” A SIGNO LEXICAL NA AQUISIÇÃO DE LÍNGUA
MATERNA: uma perspectiva enunciativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva.

PORTO ALEGRE
2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, acredito que seja importante reconhecer que a Universidade Pública só é possível devido ao trabalho de muitas pessoas, funcionários, servidores e técnicos, aos quais eu gostaria de agradecer por seu trabalho que possibilitou a continuidade da UFRGS, principalmente no contexto atual de cortes e ataque ao ensino público superior.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer à militância do movimento negro brasileiro que, com muita luta, conquistou a promulgação da Lei de Cotas, em 2002, que reconhece a enorme dívida que esse país possui com os cidadãos e cidadãs afrodescendentes e que possibilitou que muitos estudantes, assim como eu, fossem os primeiros de sua família a ingressar em uma Universidade pública.

Reconheço que a formação oportunizada pela Universidade extrapola, em muitos níveis, o que aprendemos em sala de aula, então gostaria de iniciar agradecendo aos espaços que me foram oportunizados para meu aprendizado profissional e acadêmico.

Aos professores, alunos e funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental Afonso Guerreiro Lima, instituição na qual tive a oportunidade de aprender a respeito do Atendimento Educacional Especializado, uma conquista da luta pela educação inclusiva na educação básica. Em especial agradeço à professora da Sala de Recursos (SIR), Karen Fogaça, pela orientação e pelos ensinamentos ao longo desses dois anos de estágio não-obrigatório.

Às professoras Daniela Favero Netto e Lauren Valentim, pela orientação ao longo do projeto Residência Pedagógica, sediado no Colégio de Aplicação da UFRGS, projeto do qual participei por cerca de 18 meses. À coordenação da Residência Pedagógica, que tornou tudo isso possível.

Agradeço também à minha orientadora de pesquisa, professora Carmem Luci, com quem trabalho desde 2018 e cuja orientação e ensinamentos foram fundamentais para meu desenvolvimento enquanto pesquisador. Também agradeço aos companheiros e colegas de grupo de pesquisa: Lucas, Luís Fabiano, Kedilen, Giovane, Mariana, Ester, Talita e Luísa pelos encontros de leitura e discussão e por me possibilitarem a escuta e a interlocução a respeito da teoria benvenistiana.

Com relação aos ensinamentos de sala de aula, deixo um agradecimento também para as professoras do Departamento de Espanhol, em especial às professoras Monica Nariño e Natália Labella, que foram fundamentais no caminho percorrido para a minha formação enquanto docente de língua espanhola. Também agradeço aos professores Valdir Flores, Luiza Milano e Juliana Schoffen, pelas reflexões suscitadas em sala de aula e que irei levar comigo ao longo de minha jornada enquanto acadêmico e docente.

Também não poderia deixar de agradecer à minha família de sangue, Cristiane, Ivone e Gustavo, pela base e pelo investimento recebido para que eu pudesse desenvolver meu potencial através dos estudos, embora compreenda que não cumpri a expectativa cultivada por vocês.

RESUMO

Esta investigação relaciona os campos de enunciação e de aquisição da linguagem. O objetivo do estudo é o de compreender como, em suas relações enunciativas, a criança faz a passagem da forma enunciativa, enquanto palavra no discurso constituída em forma e sentido, a signo lexical. Para isso, verifica-se como comparece a tematização sobre aquisição da linguagem nas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. Para cumprir o objetivo do trabalho, foi produzida uma reflexão em três capítulos: no primeiro, é apresentada a tematização da aquisição em Benveniste e a partir de Benveniste; no segundo, é tratada a reflexão sobre a relação forma e sentido e, no terceiro, são apresentadas a metodologia e a análise dos fatos enunciativos de aquisição da língua materna. O cumprimento do objetivo, com relação aos fatos enunciativos, envolveu buscar, em Silva (2009), os fatos de aquisição de uma criança em fase de aquisição do português brasileiro, com seleção de três recortes enunciativos. Com relação ao procedimento metodológico, são elencados três princípios: o princípio da intersubjetividade, o princípio da integração forma e sentido e o princípio da referência. Por meio da análise, observamos que, no fio do discurso, a criança maneja as formas na enunciação juntamente com o outro em movimentos que revelam um refazer da língua sobre ela mesma. Nessas reformulações de formas no discurso e produção de sentidos, a criança chega à palavra como condição de semiotização do signo lexical. Assim, a integração forma e sentido no discurso, por meio da compreensão, leva a criança à identificação do signo lexical no semiótico.

Palavras-chave: enunciação; aquisição da linguagem; discurso; palavra; signo lexical; forma e sentido.

RESUMEN

Esta investigación relaciona los campos de la enunciación y de la adquisición del lenguaje. El objetivo de este estudio es comprender, de qué manera, en sus relaciones enunciativas, la niña realiza el pasaje de las formas enunciativas, como palabra en el discurso constituida en forma y sentido, a signo lexical. Para ello, se verifica de qué manera se hace presente la tematización a respecto de la adquisición del lenguaje en las obras Problemas de Lingüística General I y Problemas de Lingüística General II. Para lograr alcanzar el objetivo de este trabajo, se produjo una reflexión en tres capítulos: en el primero, se presenta la tematización de la adquisición en la obra de Benveniste y a partir de Benveniste; en el segundo, se realiza la reflexión a respecto de la relación forma y sentido, y, en el tercer capítulo, se presentan la metodología y el análisis de los datos enunciativos de adquisición de lengua materna. El logro en alcanzar el objetivo, con relación a los datos enunciativos, envolvió buscar, en la obra de Silva (2009), los datos de adquisición de una niña en fase de adquisición del portugués brasileño, con la selección de tres datos. Con relación al procedimiento metodológico, fueron considerados tres principios: el principio de la intersubjetividad, el principio de la integración forma y sentido, y el principio de la referencia. A través del análisis, fue posible observar que, en el hilo del discurso, la niña maneja las formas en la enunciación juntamente con el otro en movimientos que desvelan un rehacer de la lengua sobre sí misma. En estas reformulaciones de formas en el discurso y la producción de sentidos, la niña logra acceder a la palabra como condición para aportar el signo léxico al dominio semiótico. Así, la integración forma y sentido en el discurso, por medio de la comprensión, lleva la niña hacia la identificación del signo lexical en el dominio semiótico.

Palabras clave: Enunciación; Adquisición del lenguaje; Discurso; Palabra; Signo lexical; Forma y sentido.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1 – Marcas de transcrição | 40 |
| QUADRO 2 – Fato enunciativo 1 | 42 |
| QUADRO 3 – Fato enunciativo 2 | 45 |
| QUADRO 4 – Fato enunciativo 3 | 47 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 1. A AQUISIÇÃO DE LÍNGUA EM BENVENISTE E A PARTIR DE BENVENISTE | 11 |
| 1.1 A tematização da aquisição em Benveniste | 12 |
| 1.2 Os estudos de aquisição a partir de Benveniste | 17 |
| 1.2.1 A instauração da criança na língua materna: os estudos de Silva | 17 |
| 1.2.2 A presença do aspecto vocal na aquisição da linguagem | 20 |
| 1.2.3 Do infans ao Homo loquens: a reflexão de Flores (2009) sobre aquisição da língua | 23 |
| 1.3 Síntese do capítulo | 25 |
| 2. A FORMA E O SENTIDO NA LÍNGUA-SISTEMA E NA LÍNGUA DISCURSO..... | 28 |
| 2.1 A forma e o sentido em Émile Benveniste | 28 |
| 2.2 A forma e sentido na aquisição | 33 |
| 2.3 Síntese e encaminhamentos | 37 |
| 3. METODOLOGIA E ANÁLISE: os fatos enunciativos de aquisição e a passagem da palavra ao signo lexical..... | 39 |
| 3.1 Os fatos enunciativos de aquisição de língua materna..... | 39 |
| 3.1.1 Os fatos enunciativos do estudo | 40 |
| 3.1.2 O sistema de transcrição | 40 |
| 3.2 Procedimentos metodológicos | 41 |
| 3.3 Análise dos fatos enunciativos em língua materna: a integração forma-sentido da palavra como unidade semântica a sua entrada como signo lexical..... | 42 |
| 3.3.1 Análise do recorte enunciativo 1 | 42 |
| 3.3.2 Análise do recorte enunciativo 2 | 44 |
| 3.3.3 Análise do recorte enunciativo 3 | 46 |
| 3.3.4. Síntese das análises | 48 |
| 3.4. Síntese do capítulo..... | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 51 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 53 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca relacionar os campos da enunciação e da aquisição da língua materna, e para isso tem como base a abordagem enunciativa de Benveniste (2005; 2006), que defende a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006 p. 82). Ao utilizar a língua, cada um se declara como locutor e implanta o outro diante de si. A referência estabelece a mediação dessa relação, visto o locutor necessitar referir para possibilitar ao outro correferir. Assim, intersubjetividade e referência somente se estabelecem por meio dos instrumentos da enunciação — formas e funções. É pela enunciação que a criança encontra a língua. É desse encontro que este estudo trata.

A investigação aqui apresentada é fruto das reflexões realizadas durante quatro anos de envolvimento no projeto de pesquisa intitulado “A (re)invenção dos discursos em aquisição e no processo de ensino-aprendizagem de língua materna: uma abordagem enunciativa”, coordenado pela Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva. O estudo realizado ao longo desse período compreendeu a temática de aquisição da língua materna; assim, este trabalho nasce a partir da participação no projeto de pesquisa referido e dialoga com os trabalhos que desenvolvi no interior desse projeto. Nos trabalhos de Iniciação Científica, abordei questões como a intersubjetividade, o papel do aparelho de funções nas relações enunciativas criança-outro e como a palavra comparece no fio do discurso nas relações enunciativas da criança e do outro, permitindo a ela recortar essa unidade discursiva. Nesse estudo, que foi mais recente, ao investigar o papel da unidade linguística “palavra” enquanto constituinte dos discursos e das relações enunciativas entre a criança e o outro, observei os ajustes entre forma e sentido no fio do discurso, problemática que me encaminhou para este TCC. Ao longo das trocas da criança com os adultos em seu entorno (normalmente familiares), há, em cada ato enunciativo, movimentos de renovação e modificação das formas devido à necessidade de cada locutor de referir pelo discurso. A referência atualizada nos discursos permite à criança adquirir a noção de “unidade” do discurso. Neste trabalho, buscamos refletir sobre a aquisição do signo lexical, com observação da ação da língua sobre a criança nas enunciações.

Dando continuidade à pesquisa anterior, no presente estudo, temos **por objetivo compreender como, em suas relações enunciativas, a criança faz a passagem da forma enunciativa, enquanto palavra no discurso constituída em forma e sentido, a signo lexical.** Nesse sentido, buscamos observar como a criança recorta as unidades no discurso para semiotizar as unidades na língua, realizando, via movimentos semântico e semiótico nas enunciações, a passagem da palavra no discurso a signo lexical no sistema. O interesse por essa problemática relaciona-se também com a passagem de Benveniste, no final do texto “Níveis da análise linguística”, quando o linguista defende que o locutor toma a consciência do signo sob a espécie de palavra e que realiza esse início de análise linguística a partir da frase e no exercício do discurso.

Para cumprirmos esse objetivo, estruturamos o estudo em três capítulos: o primeiro aborda a aquisição de língua materna em Benveniste e a partir de Benveniste; o segundo trata das noções de forma e sentido nos dois modos de ser língua (semiótico e semântico); e o terceiro apresenta a metodologia e a análise dos fatos enunciativos de uma criança em aquisição de língua materna.

Com essa breve investigação, pretendemos contribuir com o campo de pesquisa em aquisição a partir da perspectiva linguístico-enunciativa de Émile Benveniste.

CAPÍTULO 1

A AQUISIÇÃO DE LÍNGUA EM BENVENISTE E A PARTIR DE BENVENISTE

Nesse estudo acerca da aquisição de língua materna, baseamo-nos na reflexão linguística de Émile Benveniste, uma perspectiva enunciativa de linguagem. Para tal, nos debruçaremos em noções centrais da teorização realizada pelo linguista para, posteriormente, a partir dessas noções fundantes já estabelecidas, verificarmos o deslocamento teórico operado por Silva (2009), que trata da aquisição de língua materna a partir de Benveniste. Nesse capítulo, a fim de tornar mais claros os objetos de pesquisa estudados, definiremos mais detidamente alguns dos principais conceitos presentes na obra benvenistiana. Para isso, visitaremos concepções transversais à reflexão do linguista, retiradas das obras *Problemas de Linguística Geral I e II*. Pretendemos, aqui, verificar como Benveniste concebe a criança na língua(gem) e como estudiosos de aquisição tratam do modo como ocorre essa entrada da criança no sistema de sua língua materna.

Para isso, este capítulo será dividido em três seções: uma primeira, na qual discorreremos acerca da tematização da aquisição da língua na obra benvenistiana; uma segunda, na qual trataremos dos estudos prospectivos da perspectiva enunciativa de Benveniste, também conhecidos como deslocamentos teóricos, para pensar a aquisição da língua materna e um terceiro, no qual realizamos, de forma sintética, um apanhado das principais noções abordadas em todo o capítulo. Entretanto, antes de entrarmos na tematização da aquisição da linguagem a partir de Benveniste, é fundamental definirmos conceitos-chave em sua obra, tais como: linguagem, língua, enunciação e discurso.

A linguagem, para o linguista, apresenta uma propriedade simbólica que possibilita às línguas significarem. Em sua teorização, Benveniste define a linguagem enquanto uma faculdade natural, inerentemente humana, o que nos possibilita produzir sentidos nas enunciações a partir de dada língua. De acordo com a reflexão do autor, é na e pela linguagem que o homem se define, sendo assim uma parte essencial do que o constitui enquanto humano. É a partir da possibilidade de se estabelecer na linguagem que o ser humano se define como sujeito. Nesse caso, o humano se define pela linguagem e a linguagem a partir do humano.

A significação da língua, a partir da propriedade simbólica da linguagem, ocorre nos modos semiótico (universo do signo) e semântico (universo do discurso), ambos organizados em forma e sentido. O locutor, ao colocar a língua em funcionamento, traz esses modos de ser língua, em que a compreensão do discurso e o reconhecimento da palavra são necessários à aquisição do signo lexical, tema de nosso estudo. O jogo compreensão e reconhecimento ocorre via intersubjetividade (relação locutor e alocutário) e via produção de referência nas diferentes situações. A língua, em seus dois modos de existir, aparecerá, de modo mais aprofundado, no segundo capítulo, mas a reflexão sobre aquisição de língua materna em Benveniste e a partir de Benveniste vai comportar essa noção simbólica de linguagem, a língua em seus dois modos de existência, a enunciação como produtora de discursos, em que estão inscritos locutor/alocutário, a referência, e os instrumentos da enunciação (formas e funções da língua).

A partir dessa sucinta contextualização, passamos às reflexões sobre aquisição de língua materna em Benveniste e a partir de Benveniste.

1.1. A tematização da aquisição em Benveniste

Como Benveniste tematiza a aquisição de língua materna? Essa é a questão norteadora deste item. Tal reflexão comparece nos textos introdutórios do *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. Para isto, utilizaremos dois textos do autor como nosso *corpus* teórico: "*Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística moderna*" (1963¹) e "*Estruturalismo e linguística*" (1968²); ambos os textos fundamentais para as concepções que serão abordadas a seguir.

É a partir do simbólico que o autor defenderá a interdependência que existe entre a linguagem e o homem. O linguista entende que não se pode separar a linguagem dos homens e da constituição de uma sociedade por conta de uma característica fundamental que é conferida à linguagem: ela possui um poder mediatizante, fato que atestamos na passagem a seguir:

Vemos sempre a linguagem no seio da sociedade, no seio de uma cultura. E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas (...) aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. (BENVENISTE, 2005, p. 23)

¹ Texto presente na obra *Problemas de linguística geral I* (2005).

² Texto presente na obra *Problemas de linguística geral II* (2006).

Ou seja, para Benveniste, não é concebível que se oponha o homem à linguagem, ou que se trate desta faculdade enquanto um rudimento, uma ferramenta, pois isso seria admitir que a linguagem se encontra separada do homem. O que permite que a linguagem, com seu aparato simbólico, se manifeste nas línguas? O autor defende que o poder de significação das línguas vem do simbolismo da linguagem, que “evoca” sentidos imateriais a partir de uma materialidade linguística. Essa capacidade simbolizante da linguagem é o que nos permite atribuir sentido às formas de determinada língua inserida em uma sociedade com sua cultura. Por isso, o linguista defende que “toda criança (...) na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura.” (BENVENISTE, 2006, p. 23). Nessa linha, Benveniste argumenta que língua e sociedade são apreendidas pelo humano, que não possui um conhecimento inato, visto serem homens adultos, os pais, que “inculcam” na criança o uso da palavra. Vemos aqui a importância da palavra pelo linguista na aquisição como unidade do discurso presente nas relações enunciativas criança e outro.

É esse poder mediatizante do discurso, nas relações humanas, que permite a entrada da criança na língua com a cultura de uma sociedade, uma vez que “cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro (...) dotado da mesma língua, do mesmo repertório de formas” (BENVENISTE, 2005, p. 27). A aquisição procura justamente responder acerca do modo como a criança entra para esse repertório de formas com sentidos. Benveniste (2005) vai ver isso pelo ato de nomeação, pois a criança descobre que “tudo tem o nome e que aprender os nomes lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam.” (BENVENISTE, 2005, p. 31). Essa é uma temática que veremos mais adiante neste trabalho, uma vez que Silva (2009), ao deslocar a teoria linguística de Benveniste para refletir sobre a aquisição de língua materna, levanta outras problemáticas inerentes ao *vir-a-ser falante*, que envolvem essa relação forma e sentido no ato de aquisição de língua materna.

Relacionado ao uso inventivo da língua nas enunciações, Benveniste defende que “Todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova.” (BENVENISTE, 2006). A partir da afirmação de que o indivíduo inventa a sua língua durante toda sua vida, pode-se

dizer que se relaciona com a ideia de enunciação concebida pelo autor como ato individual de utilização da língua, vinculada ao momento presente e ao espaço compartilhado pelos pares que participam da cena enunciativa. A enunciação será sempre única, um ato irrepitível relacionado ao par *eu/tu*, que se inverte na cena constantemente. Um exemplo dado pelo autor é o seguinte: se uma mesma pessoa diz “Bom dia”, jamais o dirá da mesma forma: a enunciação será sempre diferente, assim como o sujeito da enunciação será diferente.

Esse caráter inventivo se faz presente na natureza articulada da língua: diferenças de produção de sons, sílabas, morfemas etc. Em cada ação do locutor na língua, Benveniste considera que esses elementos comparecem de modo singular e irrepitível. A essa ideia podemos associar a noção de “refazer a língua”, abordada pelo autor:

Uma língua é primeiro um consenso coletivo. Como ele se dá? A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade ‘natural’, é o mundo do homem. A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. (BENVENISTE, 2006, p. 20/21)

Esse manejo da língua e esse refazer são constantes nas relações enunciativas criança-outro e consideramos constitutivo dos movimentos de passagem da palavra no discurso para signo lexical. Nesse percurso, está a questão da nomeação, a produção de referência e os elementos ligados às situações de discurso que implicam a língua e a cultura de uma sociedade, visto as formas fazerem sentido nas práticas sociais dessa língua. Por isso, a reflexão trazida por Benveniste a respeito da aquisição de língua materna não se restringe à apreensão do sistema e, sim, ao mundo do homem, ou seja, aos valores da cultura da sociedade impregnados na língua atualizada nas enunciações.

Aqui, retomamos a função mediatizante da linguagem, bem como apresentamos algumas noções essenciais relacionadas à teoria benvenistiana. O autor afirma que “aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e sua experiência do acontecimento.” (BENVENISTE, 2005, p. 26), atribuindo um papel

fundante à língua, pois, ao se instaurar como sujeito (*eu*) e enunciando alguma situação específica, também possibilita ao seu interlocutor (*tu*) correferir o seu discurso e recriar a dita situação como sua também. Nessa noção de língua, internamente ao discurso, temos duas figuras que se invertem a cada enunciação, a cada ato de transformação da língua em discurso: *eu* e *tu*. Além dessas duas figuras, que estão constantemente em disputa, temos o *aqui* e *agora*, ambas as categorias de tempo e espaço na enunciação, que estão sempre situadas no presente e no local atual dos participantes, estando sempre em atualização. *Eu* e *tu* estão em relação para *falarem de*, a referência do discurso, que também é sempre única e singular em cada discurso que resulta do ato enunciativo. É nessa relação humana via língua nas enunciações que Benveniste (2005) concebe a língua como um elemento fundamental para as relações humanas nas práticas sociais, práticas nas quais a criança é situada, questão presente na afirmação de que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade.” (BENVENISTE, 2005, p. 27). Também afirma que “dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1989. 27). Ou seja, há um papel fundamental para a língua, não apenas por ser um meio que permite a comunicação, mas também porque é por meio dela que esse indivíduo (a criança) irá apreender o mundo que a rodeia e sobre a sociedade na qual vive, fato que atestamos na ideia de que “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens” (BENVENISTE, 2005, p. 31). O linguista deixa clara a importância das relações discursivas, ou melhor, da interlocução no processo de instauração da criança em sua língua materna; e o autor completa com “A aquisição da linguagem é uma experiência que vai par a par, na criança, com a formação do símbolo e a construção do objeto.” Para Benveniste (2006), a apropriação da língua envolve um “manejo”³ que possibilita à língua presente na enunciação se refazer sobre ela mesma nas relações discursivas criança-outro.

³ A ideia de “manejo” encaminhou Diedrich (2015), na tese *Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem*, defendida do PPG-Letras-UFRGS, a tratar dos arranjos vocais realizados pela criança no processo de aquisição da língua materna. Além disso, essa reflexão sobre o “manejo” da língua em Benveniste foi explorada por Silva; Diedrich; Oliveira (2020) em uma abordagem sobre o “manejar” da língua pela criança, em seu aspecto vocal.

Consideramos que é nesse jogo de integração de forma e sentido que a criança passa da unidade palavra do semântico para o signo lexical no semiótico.

Com relação à problemática principal acerca da aquisição da língua materna, Benveniste (2006) propõe, a partir de suas reflexões, uma questão principal: “cada locutor fabrica sua língua, como ele a fabrica?” (BENVENISTE, 2006, p.19). Essa é uma pergunta essencial, diz o linguista, para a aquisição da linguagem, e essa questão faz parte de nossos questionamentos sobre a passagem do *infans* à falante de uma língua. De certa forma, essa é a questão problema abordada por inúmeros estudos em aquisição da linguagem, independentemente de sua filiação teórica. Conforme a reflexão realizada por Benveniste, a linguagem opera em uma posição central e intermediária no mundo dos homens, como afirma:

Não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermediário, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem. (BENVENISTE, 2005, p. 31)

Pensar sobre esse fenômeno, da passagem de locutor a sujeito, apreender o mundo dos homens, é fundamental, pois a sociedade como a conhecemos não existiria se não fosse pela faculdade humana da linguagem em seu poder simbólico, linguagem que não serve apenas para comunicar, mas também para apropriar-nos de todas as transformações pelas quais nosso mundo passou até hoje. Como defende o autor, a apropriação dessa faculdade “é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite.” (BENVENISTE, 2006, p. 21)

Como foi apresentada nessa seção, a questão da inserção da criança na sociedade e sua instauração enquanto sujeito foi uma problemática abordada pelo autor ao longo de sua obra, e nas seções seguintes iremos verificar mais detidamente como se desdobraram nos estudos enunciativos atuais.

1.2. Os estudos de aquisição a partir de Benveniste

1.2.1. A instauração da criança na língua materna: os estudos de Silva

Nessa seção, pretendemos introduzir alguns dos principais estudos produzidos a partir da teoria enunciativa benvenistiana. Isto foi possível pois essa temática é

abordada na obra de Benveniste, conforme tratamos no item anterior, em meio às suas reflexões linguísticas, o que despertou o interesse de muitos estudiosos de sua perspectiva teórica em desvendar o que poderia ser estudado a partir da perspectiva enunciativa da linguagem. Em sua tese de doutorado, Silva (2009) postula que é possível um encontro entre o campo da aquisição da linguagem e os estudos enunciativos. De acordo com a autora, é a partir da relação discursiva da criança com seus pais (adultos) que a aquisição (fenômeno de instauração da criança na língua materna) não só da língua, mas também do mundo e da cultura na qual vive, é possível. A partir das relações enunciativas criança-outro, é possível para os adultos estabelecer um lugar na cena enunciativa para a criança, que embora enuncie com formas ainda não reconhecíveis como da língua, estabelece sentidos via mundo do discurso, historicizando-se em suas enunciações e, conseqüentemente, instaurando-se em sua língua materna. Na passagem a seguir, acompanhamos a concepção de aquisição de Silva (2010):

Concebo a aquisição da linguagem como um ato de enunciação e a enunciação como uma estrutura de aquisição da linguagem que comporta os sujeitos (a criança e o outro) e a língua, constituindo dispositivo eu(criança)-tu(outro)/ele (referência). Enquanto realização, a enunciação pode se definir, em relação à língua como um processo de apropriação do locutor. (SILVA, 2010, p. 89)

É a partir dessa noção defendida por Silva, que iremos nos basear nessa seção, introduzindo outros elementos importantes para a apreensão e o estudo desse processo, trazendo a voz e a escuta como fatores importantes no processo de aquisição em língua materna.

Em sua formulação teórica, a autora defende o seguinte: “A criança produz uma história de suas enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem” (SILVA, 2009, p. 286). Tal possibilidade de a criança tornar-se sujeito em sua língua materna, por meio dos lugares enunciativos projetados desde cedo por seus parceiros (seus pais, os adultos), que atribuem a suas vocalizações sentidos. É por conta dessas relações enunciativas que a intersubjetividade, mencionada na seção anterior, possibilita à criança se instaurar como sujeito na língua(gem). Em sua obra, Silva (2009) sistematiza a análise enunciativa das falas da criança em três mecanismos enunciativos, cada um sendo diretamente relacionado a

macro-operações enunciativas, responsáveis pela passagem da criança de *infans* a falante de sua língua materna.

O primeiro mecanismo compreende a relação disjuntiva *eu/tu* e a relação conjuntiva de *eu-tu*, o que ocasiona na possibilidade de preenchimento do lugar enunciativo. A partir de Benveniste, concebe o "eu" como pessoa subjetiva, em oposição a "tu", pessoa não subjetiva. Nessa operação, a criança passa de convocada pelo outro a convocar o outro, reconhecendo o "outro" e a compreender que o espaço ocupado por ela produz efeitos sobre o discurso do outro. Nesse mecanismo, a operação que se dá é a de preenchimento de lugar enunciativo. Por meio desse preenchimento, a criança pode encontrar a língua materna.

Já o segundo mecanismo, consiste na semantização da língua e na constituição de referência. Temos, assim, a macro-operação de referência, que possibilita à criança em aquisição fazer o movimento de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso. Nesse segundo mecanismo, o que vemos em jogo é o processo de semantização da língua. Essa semantização da língua, envolvida no processo de aquisição de língua materna, impossibilita que se separe o que é produzido em "forma" ou "sentido", visto que essas noções gêmeas estão presentes para a criança ir ajustando formas com o outro e produzindo sentidos nos discursos. Nesse mecanismo, o que se pode observar é uma passagem da referência mostrada para a referência constituída no interior do discurso. Em outras palavras, a partir da entrada da criança na natureza articulada da língua, ela se vale de formas para referir pelo discurso, seja a situação imediata, seja a situação discursiva. Isso a leva a semantizar a língua a partir das formas sintagmatizadas no discurso. Esse mecanismo coloca em relevo, no discurso, a entrada de um terceiro elemento (*ele-referência*), como condição de relação de alocação de *eu* e de *tu*.

E também temos a terceira macro-operação enunciativa, que se refere à instauração do sujeito na língua-discurso. Nesse mecanismo, está em jogo a emergência do índice de pessoa (*eu-tu*), que não se produz se não na e pela própria enunciação. Isso também vem a envolver outros elementos que podem estar em jogo na relação e na estrutura enunciativa, como as funções sintáticas descritas por Benveniste (2005): a interrogação, a intimação e a asserção. Todos esses elementos estão em jogo no vir a ser falante, na possibilidade da instauração da criança enquanto sujeito de suas enunciações. Assim, nessa macro-operação, temos a observação da instauração da criança enquanto sujeito na instância do discurso. Há

um “conjunto de funções e formas propriamente linguísticas que a criança utiliza para marcar o processo de enunciação no enunciado” (SILVA, 2009, p. 249). Nessa operação, a criança, além de se marcar no discurso, movimenta-se para enunciações passadas e projeta enunciações futuras. É o fenômeno concebido por Silva (2009) como dupla enunciação.

A respeito da constituição do sujeito em aquisição, Silva *et al* concebe que “pode receber a formulação interpretativa de que a criança é constituída pela língua, com os valores da sociedade dessa língua, ao mesmo tempo em que a constitui” (SILVA, OLIVEIRA, DIEDRICH, 2020, p. 263). E isso se relaciona diretamente com a propriedade simbólica da linguagem, que permite que se atribuam sentido às formas engendradas pelo discurso, como defendem os autores: “Se o poder simbólico garante que as línguas signifiquem, a existência de uma língua depende que seu manejo produza sentido entre os que a usam” (SILVA, OLIVEIRA, DIEDRICH, 2020, p. 264). Ou seja, partindo do mesmo princípio benvenistiano, que defende que “no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (BENVENISTE, 2006, p. 140), é possível compreender que é na relação discursiva e também intersubjetiva que se constitui a realidade do discurso como possibilidade de a criança transitar para o sistema da língua. Nessas relações, formas compartilhadas entre os locutores se semantizam, veiculando seu sentido único e irrepetível, estreitando a acentuação enunciativa entre os pares, conforme refletem os autores na seguinte passagem:

Assim, os sentidos discursivos, constituídos nas relações com outros, tornam possível à criança entrar nos sentidos sistêmicos. É, portanto, via ato de enunciação, com a implantação de locutor e alocutário (aspecto da intersubjetividade) e com o estabelecimento da relação discursiva destes com o mundo (aspecto de referência), que a língua, com seus instrumentos formais, passa a ter existência. A “inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 2005, p. 85) é o que dá acesso à língua para a criança e lhe possibilita nascer nas formas e nos sentidos dessa língua-discurso. (SILVA *et al*, 2020, p. 265).

As reflexões sobre a instauração da criança em sua língua materna e a ideia de passagem de sentidos discursivos para sentidos sistêmicos são importantes em nosso estudo para a reflexão sobre a relação palavra (unidade do discurso) e signo lexical na aquisição de língua materna.

1.2.2. A presença do aspecto vocal na aquisição da linguagem

Considerando essa linha de deslocamentos teóricos, foi possível começar a pensar em outros elementos envolvidos na enunciação da criança, como, por exemplo, a voz. Sem sombra de dúvidas, há muitos elementos implicados quando o assunto é o campo da aquisição da linguagem. Aqui, neste item, trazemos algumas considerações, que foram tomadas como ponto de partida para a reflexão realizada ao longo desta investigação. De acordo com Benveniste (2005, p. 82), “O aspecto mais imediatamente perceptível e o mais direto — embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação — é a realização vocal da língua”.

A respeito desse tema, Silva e Flores (2015) observam que é a escuta que o adulto tem da especificidade do que é vocalizado que configura uma base para a produção da fala de retorno do que ouve do bebê. É atribuído um local central para a faculdade simbólica, uma vez que a voz “parece-nos ser o lugar de potência para a criança constituir-se como falante de uma língua para se historicizar, a partir de suas emissões, na linguagem. Essa escuta introduz cotidianamente a criança no mundo do símbolo.” (SILVA; FLORES, 2015, p. 141) Isso se relaciona com o aspecto central da linguagem, a propriedade simbólica, já que a função essencial e mais imediata de suas manifestações é significar. A seguir, traremos mais detalhadamente uma discussão sobre a instauração da criança em sua língua materna, as implicações do aspecto vocal e o espaço do simbólico na linguagem na cena enunciativa.

De acordo com Silva e Flores (2015, p. 135) “a criança acede à condição de falante pela atribuição de significação às relações linguísticas que a cultura coloca à sua disposição.” Ou seja, o ato de instaurar-se enquanto falante não resulta apenas no domínio das formas da língua *per se*, e sim, na apreensão de todos os sistemas de significação conhecidos pelo homem, que de uma forma ou outra serão expressos através de sua língua. Os autores afirmam que “mesmo ruídos vocais, podem, se tomados em um contexto específico, cumprir a função simbólica que a linguagem cumpre” (SILVA; FLORES, 2015, p. 140), o que nos explica, de certa forma, como “lugares de fala são construídos e isso é específico do humano, além de ser condição para que o homem venha a falar.” (SILVA; FLORES, 2015, p.141). A seguir, exploraremos as especificidades relacionadas ao aspecto vocal na enunciação infantil.

Para pensar melhor sobre esse aspecto, trago uma noção abordada por Silva e Surreaux (2013), a unicidade da voz humana. Em primeiro lugar, é importante

esclarecer que umas das principais faculdades da linguagem humana é significar, e que essa transposição de signos em significado só ocorre por meio da capacidade de simbolização que lhe é constitutiva. As autoras consideram que “a possibilidade de a criança encontrar sua língua materna e nela se instaurar está na faculdade humana de vocalizar e, conseqüentemente, de *simbolizar*.” (SILVA; SURREAUX, 2013, p. 3 grifo das autoras). Em seu trabalho, complementam esse ponto de vista ao afirmar que é na faculdade simbolizante da linguagem que se baseia a significação e a relação homem-linguagem-cultura. E isso vai ao encontro com o que afirma Benveniste, ao expor sua tese de que os sistemas de significação são todos baseados no sistema da língua, ao afirmar que “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo [...] de sistema de valores [...] que se imprimem na língua”. (BENVENISTE, 2005, p. 22). Podemos complementar com a seguinte reflexão do autor, acerca da aquisição da linguagem pelas crianças, e sua constituição como um fato cultural, questão tematizada no primeiro item deste capítulo, conforme apresentamos na seguinte passagem:

A linguagem tem sido sempre inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente. (BENVENISTE, 2005, p. 23/24).

Voltando à unicidade da voz defendida por Silva e Surreaux (*op. cit*), essa relação de unicidade ocorre entre a voz e a unidade do discurso “palavra”, pois, para as autoras, que se valem da reflexão da filósofa Adriana Cavarero, na obra *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*, a voz que ainda não é palavra ressoa como palavra porque a ela está destinada. Essa leitura permite compreender a voz enquanto uma mediadora entre a articulação fisiológica e a palavra constituída no discurso. Para Silva e Surreaux, os sons da voz podem ser efêmeros, e o que determinaria sua pertinência ao mundo do sentido seria através da escuta do outro, “é pelo efeito da escuta que recortamos uma impressão fônica como familiar”. (SILVA; SURREAUX, 2013, p. 5). Ou seja, tanto a fala quanto a escuta são fundamentais para se pensar a aquisição de língua materna. A segunda faculdade permite-nos recortar as unidades e atribuir sentido a elas; principalmente ao falarmos sobre crianças que ainda estão em processo de entrada de sua língua, muitas vezes é apenas por “pistas”, que os adultos poderão atribuir significado ao que for vocalizado pelo *infans*.

As dimensões do vocal e da escuta em Benveniste não serão discutidas mais a fundo neste estudo, porém acreditamos que seja fundamental abranger aspectos como esses na aquisição, pois é um ponto de vista a ser considerado nos procedimentos metodológicos de análise. Isso porque a visão do estudioso em aquisição da linguagem consiste em contemplar os fatos de linguagem produzidos pela criança, recortando suas impressões fônicas a partir do que é apreendido pela escuta dos fatos de linguagem no processo de aquisição de seus informantes. A escuta não será objeto deste trabalho, mas está inerentemente presente no ponto de vista construído para este estudo, e para muitos outros nos quais nos baseamos. A noção de testemunho presente na investigação em aquisição de linguagem e mencionada pelas autoras também é bastante importante, como acompanhamos a seguir:

É na possibilidade de falar e em uma impossibilidade de articular palavras que a aquisição da linguagem torna-se um lugar privilegiado de testemunha para um pesquisador que fala de quem não pode falar, mas que apresenta uma potência para tal. (SILVA; SURREAUX, 2013, p. 7.)

As autoras consideram que essa potência pode ser materializada pela criança por meio da voz, pois assinala sua presença na linguagem. O vocal abre espaço para onde, mais tarde, a língua comparecerá e a criança irá instaurar sua experiência na linguagem através de sua entrada no discurso, lugar onde encontra a língua. De acordo com Flores e Surreaux (2012, p. 94) “a entrada da criança em uma dada língua, impõe-lhe, além da necessidade de assumir um sistema linguístico, a necessidade de falar à sua maneira essa língua”, ou seja, é por meio da voz que cada um se singulariza na língua, de acordo com a enunciação, e se instaura enquanto sujeito dessa língua. A seguir, exploraremos com mais profundidade a questão do *infans* (aquele que não fala), tão presentes nos estudos do campo aquisição de língua materna.

1.2.3. Do *infans* ao *Homo loquens*: a reflexão de Flores (2019) sobre aquisição de língua

Iniciamos trazendo a ideia de que a tomada do *infans* como não falante é uma premissa adotada para compreender e discorrer sobre o processo de aquisição da linguagem. Essa premissa é aqui adotada, por se tratar de um preceito básico

utilizado por estudiosos da linguagem na perspectiva benvenistiana, autores nos quais me baseio para realizar as considerações aqui apontadas.

No capítulo “Do *infans* ao *homo loquens*” de sua obra *Problemas Gerais de Linguística*, Flores (2019) discorre sobre as particularidades de se estudar a língua em processo de aquisição pelo homem que ainda não é falante. No título de seu capítulo, ao nomear “*infans*” e “*homo loquens*”, o autor realiza a distinção entre ambos. O “*infans*”, ou a criança, o ser humano que ainda não realizou sua entrada efetiva no universo de sua língua materna, é aquele que “não fala”, pois ainda não dominou as formas do sistema linguístico e, portanto, ainda não pode se estabelecer enquanto falante, sujeito do discurso. Já o *homo loquens* é o indivíduo que já realizou essa passagem, de locutor a falante na língua. Esse resultado é possível por conta da natureza simbólica da linguagem, que permite ao ser humano apropriar-se da língua, convertendo-a em discurso, tornando-se, assim, falante de uma língua. Acerca do estudo sobre como esse fenômeno acontece e pode ser descrito, Flores (2019) pontua que

Não se pode vê-lo de um prisma que o considere apenas como uma operação linguística *stricto sensu*. Não há dúvidas que aos aspectos linguísticos somam-se os psíquicos, psicológicos, sociais, filosóficos, culturais e biológicos [...] (FLORES, 2019, p. 173)

O que pode ser outra maneira de dizer que não só à linguística pertence essa problemática e as questões que dela advêm. Ao longo do capítulo de sua obra dedicada à aquisição da linguagem, Flores (2019) introduz a temática com algumas indagações e considerações iniciais que serão postuladas a seguir.

Em primeiro lugar, o linguista aponta a impossibilidade de se testemunhar sobre a própria passagem não falante a falante. Não existe possibilidade de testemunho, pois a experiência “comporta um intransponível auto 'desconhecimento'”, uma vez que o falante não pode falar sobre o fato de ter começado a falar. Há um esquecimento constitutivo de cada falante.” (FLORES, 2019, p. 174). E complementa: “O que significa, que ninguém jamais poderá falar de si como um vir-a-ser falante.” (FLORES, 2019, p. 175). Ou seja, podemos pensar que a criança em processo de aquisição de linguagem se dá por meio do estabelecimento dessa *falta*. Como afirma o autor: “há, na origem de todo falante, um recalçamento que o constitui como falante”. (FLORES, 2019, p. 175).

De acordo com o autor, ainda, pode-se pensar em um paradoxo que se estabelece a partir dessas premissas, no qual se compreende que não há existência possível para o falante externo à língua, sendo necessário que se utilize dela para falar de todas as coisas, inclusive da própria língua; entretanto, mesmo com todos os recursos que um falante dispõe em sua língua materna, ele ainda assim não teria condições de falar sobre a experiência que viveu na passagem de *infansa* falante. Assim, conclui que o falante “apenas pode dar um testemunho terceiro dessa experiência. Isto é, os ditos “dados da análise” são oriundos de observação externa à própria experiência do falante” (FLORES, op. cit. p. 176). Melhor dizendo, apenas o ponto de vista de terceiros pode contemplá-la, e a isso denominamos “o ponto de vista do testemunho”. Esses são pontos fundamentais para pensar sobre o campo aquisição da linguagem: a maneira como se podem considerar os dados coletados para análise. Os fatos de linguagem utilizados para este trabalho advêm da observação dos processos de apropriação da língua pela criança a partir de um outro, que é testemunha, seja coletando, seja transcrevendo, seja analisando.

O suporte que Flores (2019) dá à acepção de *testemunho* baseia-se, também, segundo o autor, na obra *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, de Lalande, publicação de 1996. As noções das quais se vale o autor, atestam esse *locus* de terceiro, observador, que é o único lugar possível para se apreender essa experiência: do lado de fora, enquanto pode atestar que, de fato, os produtos (sons, balbucios, enunciados) proferidos pela criança em aquisição constituem uma experiência que não pode ser apreendida em todas as suas dimensões. Flores também comenta sobre esta consideração, afirmando que: “se a ninguém é facultado o direito de comentar sua própria entrada no mundo *loquens*, então resta apenas olhar a *experiência de outrem para dela dar testemunho*”. (FLORES, 2019, p. 177). Nessa afirmação, o autor corrobora a tese de que a língua, no campo da aquisição de linguagem, não é completa, e ainda completa sua pontuação, deixando claro qual seria o lugar para o linguista nessa experiência. Como afirma em seguida, “o valor do testemunho reside naquilo que lhe falta” (FLORES, 2019 p. 179). E esse é um ponto fundamental para reflexão e consideração, no presente campo de estudo, pois a natureza da manifestação da linguagem no *infans* somente pode ser relatada por terceiros de acordo com suas próprias impressões e recortes linguísticos.

Ainda, em suas formulações acerca do testemunho na aquisição, o autor conclui:

o testemunho não é “dado” *a posteriori* [...] é um índice de si mesmo na medida em que testemunha o que ainda não é, na criança, a língua, mas ao mesmo tempo, permite que se venha a saber algo sobre a sua entrada na língua. (FLORES, 2019, p. 180)

Em outras palavras, podemos pensar que esse ponto de vista do testemunho para a análise de fatos da linguagem da criança em aquisição não serve mais como um dado em si para ser analisado, e sim “um *indicador* dos termos através dos quais o homem começa a falar.” (FLORES, 2019, p. 181). Elementos que citamos anteriormente, como a voz, a entonação, a escuta e as estruturas sintáticas, conforme Flores (2019), são alguns desses indicadores que podem fornecer “pistas” ao pesquisador de aquisição sobre o *modus operandi* e os mecanismos linguísticos operados pela criança em seu processo de instauração na língua materna.

Com esse breve panorama inspirado pela obra de Flores e seu percurso enquanto estudioso da linguística enunciativa e defensor de uma visão antropológica sobre os fenômenos da linguagem, esperamos complementar nossa reflexão com mais uma abordagem sobre o “tornar-se falante” e quem é o *infans* a quem nos referimos ao longo desta investigação. Além disso, as considerações trazidas até o momento são fundamentais para pensar a constituição de uma metodologia em aquisição da linguagem. Pois, veja bem, é através do ponto de vista escolhido pelo observador-testemunha que se pode definir quais serão os objetos de estudo, e por sua vez, a metodologia adotada.

1.3. Síntese do capítulo

Ao longo do primeiro capítulo deste estudo, conseguimos estabelecer, primeiro, algumas noções básicas presentes na obra do linguista Émile Benveniste, além de trazer discussões fundamentais levantadas nos estudos a partir de sua perspectiva. Para conseguirmos adentrar no tema aquisição da língua materna, primeiro precisamos definir exatamente como compreendemos os principais termos envolvidos nessa discussão, sendo eles: linguagem, língua e enunciação. Para o autor, a linguagem é uma faculdade humana com uma propriedade simbólica de natureza imaterial e constitutiva do humano, fato que possibilita a significação nas

línguas e o humano significar por meio de uma língua. Já a noção de língua é mais específica e pode referir-se a cada um dos dois modos de ser da língua: o domínio semiótico (língua-sistema) e o domínio semântico (língua-discurso), cada um dos domínios organizados em forma e sentido. A partir do momento em que um homem precisa manifestar-se, ele terá de se utilizar de um meio mediador para conseguir comunicar-se sobre o mundo com outrem, e é aí que temos a enunciação. É dela que o humano se vale para estabelecer relações com outros nas práticas humanas na sociedade. Para enunciar, precisamos mobilizar a língua e implantar um outro. Nessa relação *eu-tu*, estabelecemos a referência (*ele*) de nosso discurso, resultado da enunciação. Na instância do discurso temos a existência da categoria de pessoa em relações de inversibilidade *eu-tu*, pois, como defende Benveniste (2005), é um homem falando com outro homem que podemos encontrar no mundo. Nessa linha, Benveniste defende que a criança apreende a língua no exercício dessa língua na relação com outros. Nesse exercício nasce como falante de uma língua, vinculada a dada sociedade com os valores de sua cultura.

Do tema aquisição em Benveniste, partimos para a aquisição como reflexão a partir de Benveniste no campo da aquisição de língua materna. No estudo de Silva (2009), a autora defende que, por meio das enunciações, a criança historiciza-se no discurso e, a partir de um lugar enunciativo que lhe é concedido pelos adultos (seus pares), é possível para ela se estabelecer como sujeito de suas enunciações. Silva (2009) também defende que há três macro-operações: a de preenchimento de lugar enunciativo, a de referência e a de instanciação da criança na língua-discurso. Esses mecanismos são gerais no processo, pois envolvem a ocupação de um lugar para enunciar com o outro, a referência no discurso e a própria inscrição de marcas no discurso, assim como movimentos de retomada e projeções de enunciação. Com as micro-operações, Silva (2009) defende que a aquisição por uma perspectiva enunciativa é da ordem da singularidade, porque cada movimento é único em cada ato de aquisição.

Após Silva (2009), entramos em algumas questões referentes à presença da voz nos estudos enunciativos em aquisição de linguagem. Para isso, baseamo-nos em Silva e Surreaux (2013) sobre a unicidade da voz e sua importância para a entrada da criança na língua materna, pois é um elemento que traz singularidade para as enunciações. As autoras discorrem sobre a acentuação discursiva e seu papel

fundamental para o estabelecimento da interlocução e intersubjetividade entre parceiros.

No final do capítulo, apresentamos as reflexões de Flores (2019), com destaque para a noção de *testemunho* e suas implicações teórico-metodológicas. Há, conforme o autor, um estatuto da incompletude no estudo da aquisição da linguagem, justamente por estar situada em indivíduos que ainda não falam, o *infans*. Sendo assim, dar o testemunho no lugar daqueles que não falam, de um ponto de vista externo, é extremamente complexo, porque requer mobilizar um ponto de vista para falar dessa passagem, via coleta, transcrição e análise de fatos de linguagem coletados.

A partir das noções abordadas e discutidas neste capítulo, iremos dar prosseguimento à fundamentação teórica, tratando de temas pertinentes ao presente estudo: a forma, o sentido, e a presença dessas noções tanto na língua-sistema, quanto na língua-discurso. Desse tema nos ocuparemos no capítulo seguinte, trazendo também alguns estudos pertinentes para a área da aquisição da linguagem.

CAPÍTULO 2

A FORMA E O SENTIDO NA LÍNGUA-SISTEMA E NA LÍNGUA DISCURSO

A partir do que já delimitamos como ponto de vista teórico no qual iremos operacionalizar o presente estudo, é possível aprofundar noções fundamentais, basilares para este trabalho, que envolvem pensar a língua-sistema e a língua-discurso.

Para adentrarmos no tema que será abordado a seguir, é importante primeiro nos perguntarmos: *como Émile Benveniste, concebe, em sua obra, a forma e o sentido?* Essa questão será respondida a partir dos textos “Níveis da análise linguística” e “A forma e o sentido na linguagem” e de estudos que tematizam a questão, como o de Teixeira e Messa (2015) e de Silva (2018). Além disso, traremos estudos que tratam tais noções no campo de aquisição de língua materna como Silva (2015) e Laguna (2015).

2.1.A forma e o sentido em Émile Benveniste

Para iniciarmos nossa reflexão, começamos pelo texto “Níveis da análise linguística”, depois trataremos da “A forma e sentido da Linguagem”, textos encontrados nos Volumes I e II dos *Problemas de Linguística Geral*. Também nos valeremos do artigo “A questão da Unidade na forma e no sentido” (SILVA, 2018). Pretendemos adentrar nas problemáticas que são levantadas pelo autor em cada um de seus textos: as definições de forma e sentido em Benveniste.

Em seu texto “Níveis da análise linguística”, Benveniste argumenta que, muitas vezes, as noções de forma e sentido são colocadas como antônimas, quando, na verdade, tratam-se de entidades gêmeas: nascem juntas e são complementares enquanto constituintes da linguagem. Por isso, o linguista afirma o seguinte:

Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda a extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções que a elas correspondem, que aqui designamos *constituente* e *integrante*. (BENVENISTE, 2005, p. 135, *grifos do autor*)

Sendo assim, os próprios níveis da análise linguística (que serão especificados a seguir) possibilitam analisar a relação entre a forma e o sentido. Benveniste (2005) argumenta que a “forma de uma unidade linguística define-se como sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior”. (BENVENISTE, 2005, p. 135). Se olharmos para uma palavra, sabemos que podemos decompô-la em lexemas, posteriormente em fonemas e, no nível inferior máximo, em merismas (traços distintivos dos fonemas). Assim, a forma se obtém por dissociação. Já em relação ao sentido, é possível termos mais de uma acepção possível. Benveniste irá argumentar que “o sentido de uma unidade linguística se define como sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2005, p. 136). Ou seja, pode-se dizer que a capacidade integrativa das unidades se relaciona com o sentido, enquanto a capacidade de dissociação se relaciona com a noção de forma.

Esse par forma-sentido é retomado por Benveniste (2006) em “A forma e o sentido na linguagem”. Para ele há dois modos de ser língua: a língua no semiótico e a língua no semântico. Realizando uma breve explicação do que seriam essas duas maneiras de a língua existir, pode-se dizer que, no domínio semiótico, “o sentido de uma unidade é o fato de que ela tem um sentido, de que é significativa”. (BENVENISTE, 2005, p. 136). Esse sentido envolve a identificação/reconhecimento do falante de uma forma como pertencente à língua e a identificação dessa unidade como opositiva em relação a outras, pois, para o linguista, “ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa”. (BENVENISTE, 2006, p. 228). Nesse caso, esse domínio refere-se à língua-sistema, estabelecida por signos que se constituem através de suas relações de oposição entre si, e sua existência é determinada por essas relações intralinguísticas. Retomando as acepções trazidas por Benveniste em seu texto “A forma e o sentido na linguagem”, o autor define que “tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua.” (BENVENISTE, 2005, p. 227). Assim sendo, o sentido no semiótico se define pela existência ou não de determinado signo, reconhecimento conferido pelo falante. Isso mostra a relação constante entre sistema e discurso em Benveniste.

Com relação ao semântico, Benveniste (2006) pontua que essa noção nos “introduz no domínio da língua em emprego e em ação.” (BENVENISTE, 2006, p. 229). Com relação à questão da unidade, o linguista define que “a unidade semiótica é o signo”. Ao tratar da unidade semântica o linguista indaga e responde: “Qual será

a unidade semântica? Simplesmente, a palavra. (...) Unidade mínima da mensagem e como unidade necessária da codificação do pensamento.” (BENVENISTE, 2005, p. 230). Então, temos aqui a unidade do domínio semântico, a palavra. Sobre essa unidade, no domínio semântico, Benveniste (2006) defende que “o “sentido” (na acepção semântica) se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico, que se define por uma relação de paradigma”. (BENVENISTE, 2005, p. 230). Podemos definir sintagma como a relação entre as unidades que integram uma unidade maior, como, por exemplo, palavras que fazem parte de uma frase; e o paradigma como a relação de uma unidade com as possibilidades existentes de substituí-la, no domínio no qual se constitui. Uma outra acepção apontada pelo autor com relação às unidades mínimas de cada esfera linguística, é a seguinte:

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor.” (BENVENISTE, 2005, p. 230)

Com relação à frase, pode se admitir que “uma frase participa sempre do “aqui e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor.” (BENVENISTE, 2005, p. 230). E o linguista ainda complementa: “a frase é a unidade do discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 139). A palavra e a frase, conforme o linguista, pertencem, assim, ao universo do discurso. A frase, enquanto pertencente ao discurso, possui diversas maneiras de ser quando posta em funcionamento através do ato de enunciação, uma vez que pode estar e manifestar três funções humanas em ação no discurso, como afirma Benveniste: “Reconhece-se em toda a parte que há proposições assertivas, proposições interrogativas, proposições imperativas, que se distinguem por traços específicos de sintaxe e de gramática, e se apoiam igualmente na predicação” (BENVENISTE, 2005, p. 139). Assim, Benveniste (2005) reitera serem essas modalidades da frase as três funções inter-humanas do discurso, que revelam a atitude do locutor. Essas funções são retomadas no texto “Aparelho formal da enunciação” como as funções sintáticas, que servem para o locutor influenciar o outro, seja suscitando respostas (interrogação), seja fazendo apelos (intimação), seja comunicando certezas (asserção).

A relação entre sistema (signo) e emprego (palavra) aparece no final de “Os níveis da análise linguística” em uma reflexão interessante, que envolve a criança como locutor no exercício da língua, conforme acompanhamos na seguinte passagem:

A condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar e pelo exercício incessante da sua atividade de linguagem em todas as situações. (BENVENISTE, 2005, p. 140).

O locutor-criança toma consciência do signo sob a espécie de palavra “a partir da frase e no exercício do discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 140). De acordo com o linguista, “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (BENVENISTE, 2005, p. 140).

Silva (2018), em um trabalho sobre a questão da unidade na forma e no sentido nos estudos gramaticais, discorre sobre a possibilidade de poder estabelecer um estudo gramatical que tenha como base a visão linguística posta em pauta na obra de Émile Benveniste. Para isso, a autora realiza algumas considerações a respeito da divisão da língua realizada pelo linguista. Segundo ela, “é justamente a delimitação da unidade que permite a Benveniste conceber a língua em dois domínios.” (SILVA, 2018, p. 381). Ou seja, há a concepção de um local central para a determinação das unidades no estudo linguístico, ponto que é essencial para nosso estudo e para as questões teóricas que serão levantadas a seguir. Sendo assim, o domínio semiótico se atém à organização da língua, ao sistema; já o domínio semântico se liga ao uso, à comunicação inter-humana. Ao longo de seu estudo, Silva (2018) enfatiza o papel da unidade em um estudo gramatical embasado na teoria benvenistiana, uma vez que, como já posto, metodologicamente, é esse o critério utilizado pelo linguista em suas classificações. A respeito da teorização benvenistiana, Silva afirma que o autor

Destaca, como critérios de existência da unidade como signo, o uso e a identificação. Esse é o critério do domínio semiótico: a identificação no interior e no uso da língua. [...] é no uso que ocorre a identificação da unidade como tendo existência. Quem está no centro dessa identificação? (SILVA, 2018, p. 385)

A resposta para essa pergunta nos é dada pelo próprio Benveniste (2005) ao afirmar que é o próprio homem, o locutor que mobiliza a língua, que irá realizar a identificação dos signos pertencentes ao sistema.

Com a figura do falante em jogo, é importante enfatizar uma das propriedades da linguagem que tornam nosso estudo possível: o poder mediatizante da língua. Uma vez que não há relação direta entre indivíduos, ou entre indivíduo e mundo, para podermos estabelecer essas relações, necessitamos de uma ponte: a língua em emprego. Silva (2018) corrobora essa centralidade do falante em um estudo baseado na obra benvenistiana, ao afirmar que é o locutor quem “identifica as unidades, percebe a distintividade nas relações e, portanto, quem atribui sentido a essas unidades”. E é esse locutor quem agencia essas unidades em frases.” (SILVA, 2018, p. 390). Assim podemos perceber que há dois modos de estar na língua para o locutor: “como quem partilha formas e sentidos em uma comunidade e como quem produz formas e sentidos singulares em seus discursos.” (SILVA, 2018, p. 390).

Após discorrer sobre a questão central da forma e do sentido na obra de Benveniste e discutir a importância da delimitação das unidades, iremos operacionalizar estas noções para refletir a respeito dos estudos em aquisição da linguagem. Continuaremos utilizando Benveniste enquanto nosso escopo teórico, assim como Silva, para entender de qual maneira essa discussão pode ser proveitosa aos estudos voltados à aquisição de língua materna.

No texto “Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala”, Teixeira e MESSA (2015) defendem que a abordagem linguística em Benveniste se trataria de uma “abordagem do sentido decorrente da atividade linguística, e não exclusivamente do sistema linguístico” e que a semântica da enunciação benvenistiana “implica a relação mútua entre linguagem, homem, cultura e sociedade” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 100). Sendo assim, temos nosso ponto de partida em uma visão linguística que não se restringe apenas ao intralinguístico, ao sistema e, sim, à relação que os elementos linguísticos possuem entre si, e em como, por meio da enunciação, esses elementos podem singularizar-se nesse colocar a língua em funcionamento.

Em sua leitura da reflexão benvenistiana, as autoras também afirmam que a linguagem “é entendida por Benveniste como indissociável do homem e de sua experiência no mundo; é definida na estrita relação com o humano, assim como o humano é definido nessa estrita relação com a linguagem.” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 105). Ou seja, temos novamente a relação que se estabelece entre a linguagem e o humano, com a linguagem ocupando um lugar de mediadora da realidade, ao mesmo tempo em que é constitutiva dos sujeitos e da própria condição humana do homem. Isso se deve justamente porque, enquanto faculdade humana, a

linguagem está estritamente relacionada à experiência subjetiva e à experiência de mundo de todos os humanos. Sendo assim, também é considerada um elemento principal do próprio estabelecimento da cultura e da sociedade tal como as conhecemos. E esse entendimento é fundamental, principalmente se pensarmos que o fundamento da enunciação é uma estrutura de diálogo, espaço onde um sujeito se instaura e também instaura um outro à frente de si. Vemos isso na seguinte passagem das autoras: “para ele, a enunciação não produz só um sujeito, mas dois, pois o *tu* constitui a condição de existência do *eu*”. (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 106). E é “em consonância com essa perspectiva antropológica da linguagem que a noção de enunciação é concebida.” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p.105). Ou seja, entende-se que se trata de uma perspectiva antropológica de linguagem, não em relação à disciplina e à área de estudos de antropologia, mas no que diz respeito ao estudo do homem e à sua inserção no mundo; não estamos mais lidando com uma reflexão linguística fechada e limitada aos seus caracteres, mas, sim, que leva em consideração tudo o que contém a cena enunciativa (a relação de oposição *eu-tu*, a emergência dos índices de pessoa). Tais elementos colocam em jogo quando um homem fala com o outro.

As autoras também consideram que essa “abertura à dimensão dialógica desfaz a antinomia entre o eu e o outro, o indivíduo e a sociedade, introduzindo na enunciação a relação social.” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 106). A partir dessa reflexão, podemos pensar que a criança está em processo de inserção na cultura dos adultos, seus pais, e que está em processo de “inculcamento” de sua língua materna. Ao pensarmos sobre o estudo da aquisição de língua materna nessa perspectiva antropológica da linguagem, se tem muito claro que é nessa dependência da ordem social e da relação criança-outro que a instauração da criança em sua língua materna tem lugar.

2.2. A forma e o sentido na Aquisição

Nosso ponto de partida para pensar a forma e sentido da linguagem com relação aos estudos de aquisição de língua materna será, inicialmente, o da significação. Ainda de acordo com Teixeira e Messa: “significar está no fundamento da linguagem, que é dotada dessa faculdade antes mesmo de servir para comunicar.” (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 104), ou melhor dizendo, a significação possui um papel

central quando entramos na discussão a respeito da reflexão benvenistiana da linguagem. A partir daí, também temos duas funções importantes que irão reger a relação da criança em fase de aquisição com seus pares, e seu processo de entrada na sua língua materna: as noções de identificação e reconhecimento das unidades, e a compreensão do discurso na relação criança-outro. E isso se deve aos dois domínios mencionados da língua: o semiótico e o semântico. Em cada um deles, há critérios que devem ser levados em conta para que se considere que uma unidade linguística existe no domínio da língua e/ou no domínio do discurso.

Podemos afirmar que no domínio semiótico, tratamos da língua enquanto sistema e os signos enquanto unidades, o critério de existência de suas formas é “o reconhecimento por aqueles que manuseiam a língua, ou seja, que evoque a cada falante de uma comunidade linguística”. (LAGUNA, 2015, p. 18). O domínio do semântico, no qual temos a conversão da língua em discurso, a condição para existência de uma unidade em emprego (a palavra, unidade do discurso) é sua compreensão pelo falante. Em síntese, como posto por Laguna (2015, p. 18), os critérios são os seguintes para cada um dos domínios linguísticos: “No domínio semiótico, cuja unidade é o signo, a de ser reconhecida; no domínio semântico, cuja unidade é o discurso, a de ser compreendida.” (LAGUNA, 2015, p. 18). Sendo assim, tendo apresentado esses critérios principais para a existência das unidades linguísticas, não se pode tirar do foco o seu principal determinante: o falante. É a partir de sua apreensão do sistema da língua que o locutor pode reconhecer determinado signo como existente (ou significante) no domínio intralinguístico e afirmar se determinado termo “existe” ou não.

Essa reflexão se relaciona diretamente com a noção de ser distintivo, de ser opositivo com os demais componentes de dado sistema linguístico. Ao adentrarmos na discussão acerca dos estudos de aquisição da linguagem, a noção de reconhecimento é fundamental, pois muitas vezes a criança em aquisição poderá enunciar-se em formas não reconhecidas/identificadas por seus pares, que então tentarão realizar ajustes de forma e sentido para que se possa estabelecer a comunicação intersubjetiva e, assim, se historicizar na linguagem. Já em relação ao critério de compreensão no discurso, esse se relaciona com a língua em emprego por meio do ato de enunciação. Isto é, no domínio semântico, diferentemente do semiótico, um signo definido como “significante” implica em sua existência no sistema; o sentido e a compreensão de uma unidade do discurso (palavra)

dependerão de seu emprego no enunciado. Assim sendo, a função da compreensão também é fundamental para a criança em aquisição, pois ela muitas vezes pode não reconhecer uma forma enquanto existente, constituinte do sistema, porém pode compreendê-la enquanto palavra empregada no discurso. Nesse mesmo sentido, ao longo das análises, veremos uma presença da função sintática de interrogação, já que os parceiros da cena enunciativa necessitam, de alguma maneira, certificar-se da forma e do sentido agenciado através de sua enunciação. Em resumo, ambas as funções, de reconhecimento/identificação, pertinentes ao domínio da língua-sistema, e a de compreensão, pertinente ao domínio da língua-discurso, serão fundamentais nesse estudo e se relacionam fortemente com a reflexão linguística benvenistiana abordada até o presente momento.

A língua, como vimos anteriormente, é constituída em dois domínios: o semiótico e o semântico. De acordo com o que foi discutido na seção anterior, agora iremos buscar respaldo em estudiosos da perspectiva benvenistiana para pensar o papel da forma e do sentido para a criança em processo de aquisição. Como os sentidos se formam em palavras? Como, no ato de enunciação, a criança agencia as formas de sua língua para significar? De que maneira, em sua relação intersubjetiva com o outro, ocorrem os ajustes de forma em suas enunciações? São estes os questionamentos que trataremos a seguir.

Para fins de continuarmos nossa reflexão a respeito da teoria benvenistiana, e na defesa de que sua perspectiva linguística se trata, acima de tudo de uma reflexão antropológica, retomaremos uma leitura realizada por Teixeira e Messa:

A linguagem é apresentada como condição da existência do homem, sempre referida ao outro (...) a significação implica a relação que a linguagem instaura entre o enunciador, o mundo, os outros sistemas simbólicos e a sociedade. (TEIXEIRA; MESSA, 2015, p. 107).

Assim sendo, não há possibilidade de existência humana fora ou sem a linguagem. Dessa forma, ela se estabelece não só enquanto faculdade humana fundamental, mas também como mediadora entre o homem e a realidade. Além disso, também não é possível conceber uma sociedade sem essa faculdade, pois “a linguagem é a maneira pela qual o homem pode atingir o outro, conseqüentemente exigindo-o e pressupondo-o.” (LAGUNA, 2015, p. 16).

Há pouco discorreremos a respeito da forma no processo de aquisição e sua relação com o sentido. É na relação criança-outro que as propriedades de

reconhecimento/identificação e compreensão operam como ajustes de forma, como condição de tomar consciência do signo lexical a partir da compreensão da palavra no discurso.

Por isso, concebemos que a intersubjetividade possui um papel fundamental nesse processo de tomada de consciência por parte do falante (uma espécie de sensibilidade linguística), pois não há discurso sem um locutor que postula um alocutário diante de si. É o que podemos afirmar a respeito da relação intersubjetiva, que tem lugar na relação criança/outro.

Pensando nas especificidades dos estudos benvenistianos em aquisição da linguagem, a referência se torna um elemento fundamental, pois acaba estando envolvida também na questão da intersubjetividade e se torna um dos principais fios condutores da relação enunciativa. Também é importante pontuarmos que existe um “princípio da indissociabilidade homem-linguagem relacionada à aquisição da linguagem, quando se fala do nascimento da criança na língua de uma dada sociedade com sua cultura”. (SILVA, 2019, p. 62). Isto é, há um espaço fundamental nessa discussão em que se localiza a cultura “como sistema simbólico por excelência, a linguagem realiza-se em uma língua particular, inseparável de uma sociedade com sua cultura.” (SILVA, 2019). Ou seja, os valores culturais de dada sociedade em que a criança está inserida são inseparáveis da faculdade da linguagem e da propriedade de significação de uma língua específica na qual ela irá se apropriar enquanto locutor.

Com relação à questão da forma e do sentido, Silva irá defender que “forma e sentido aparecem como propriedades conjuntas, necessárias, simultâneas e inseparáveis no funcionamento da língua.” (SILVA, 2010, p. 90). Quando nossa reflexão se volta para as especificidades dos estudos em aquisição, é possível afirmar que existe um “mecanismo da produção, que é o da verificação de como o sentido se forma em palavras.” (SILVA, 2010, p. 89). E podemos conceber que é no movimento que a criança realiza da enunciação para a língua, e da língua para a enunciação que “o sujeito da aquisição da linguagem instaura-se no funcionamento referencial e intersubjetivo da linguagem.” (SILVA, 2010, p. 92). Ou seja, é pela intersubjetividade, aliada com a operação de referência, que podemos pensar em uma análise do agenciamento de formas e sentidos pela criança em aquisição. É através da acentuação enunciativa dos pares no discurso que é possível associar as formas ao sentido, ao mesmo tempo em que essa criança irá estabelecer-se enquanto sujeito de suas enunciações e poderá instaurar-se no discurso. A respeito das trocas

realizadas entre a criança e o outro no fio do discurso, e a instauração da criança enquanto sujeito, Silva (2009) sintetiza abaixo a lógica da operação de referência:

a criança enuncia X, em que X é: a) remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência; b) formado por unidades que estão em relação entre si; c) constituído por operações de constituição/integração dessas unidades e d) constituído por ajustes de sentido e de forma das referências produzidas na enunciação de eu e de tu.” (SILVA, 2009, p. 89)

Pode-se, então, concluir que é a intersubjetividade a condição base para que a criança possa instaurar-se enquanto sujeito, e é a referência estabelecida no discurso que possibilita que as formas e os sentidos possam ser concebidos juntos, concomitantemente. É a partir desse processo que podemos conceber a criança no centro da linguagem, em movimentos de análise dos elementos da língua a partir do exercício do discurso. É partindo dessa premissa que iremos realizar a análise de dados no próximo capítulo deste trabalho.

2.3. Síntese e encaminhamentos

Neste capítulo, retomamos algumas noções referentes à teoria enunciativa benvenistiana no que diz respeito à reflexão sobre a forma e o sentido. Primeiro, devemos estabelecer que forma e sentido são noções que devem ser operacionalizadas juntas, pois não há a possibilidade de separá-las quando estamos tratando da língua a partir da concepção benvenistiana. Após, tratamos dos dois modos de existência da língua: a língua-sistema (semiótico) e a língua-discurso (semântico). Cada um dos domínios diz respeito a uma maneira que a língua pode se manifestar, sendo a dimensão semiótica o sistema da língua, tendo como sua unidade principal o signo e se tratando de uma dimensão intralinguística na qual as formas não possuem referente, nem categoria de tempo ou pessoa, mas possuem um sentido pelo reconhecimento de existência no uso pelo falante e pela identificação da distintividade por esse mesmo falante.

O critério para se considerar uma unidade existente no domínio semiótico é sua significância, isto é, sua distintividade em relação aos demais signos da língua, tratando-se, assim, do reconhecimento no uso do que pertence ao sistema intralinguístico. Já com relação ao domínio semântico, trata-se da língua em uso, com a palavra em emprego, a emergência da pessoa já estabelecida, e o tempo sempre presente, como na definição de enunciação definida pelo autor. O critério de

existência para o domínio semântico seria a compreensão no discurso pelos participantes da relação enunciativa. A unidade operacionalizada no discurso é a palavra, e seu emprego é o que pode determinar se há compreensão do que foi dito ou não.

Após a discussão a respeito da forma e o sentido na obra benvenistiana, tratamos de dimensionar essas noções teóricas para os estudos em aquisição da linguagem. Trouxemos algumas considerações acerca da visão antropológica a partir do que é defendido por Benveniste em sua obra sobre a interdependência homem-língua(gem) e em como sua visão de língua como atrelada à sociedade, fato fundamental para pensarmos no deslocamento de sua teoria para um estudo de aquisição de língua materna.

Dando sequência a essa reflexão, retomamos as funções de identificação/reconhecimento e compreensão para tratar do sujeito em aquisição e nos domínios nos dois modos de ser língua.

A intersubjetividade é uma das principais noções a ser tratada quando pensamos em enunciação, principalmente se estamos tratando de aquisição. Pois é no exercício do discurso do locutor com seu interlocutor que as formas agenciadas passam a ter sentido e que a criança pode propor-se como sujeito. E é nessa relação enunciativa entre os pares que a referência é fundamental, uma vez que o sujeito enuncia pela necessidade de referir, e seu locutor realiza uma enunciação de retorno pela necessidade de correferir.

Com o encerramento deste segundo capítulo teórico, damos fim à fundamentação teórica que embasa nosso trabalho, e partiremos para as considerações metodológicas, para, assim, podermos realizar a análise dos dados recortados. No capítulo seguinte, iremos apresentar a maneira pela qual os dados enunciativos (fatos de linguagem) foram selecionados e quais foram os procedimentos teórico-metodológicos considerados nesse procedimento. Teremos, assim, como objetivo ilustrar algumas manifestações relacionadas com a nossa questão-problema.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA E ANÁLISE: OS FATOS ENUNCIATIVOS DE AQUISIÇÃO E A PASSAGEM DA PALAVRA AO SIGNO LEXICAL

Após realizar as devidas considerações teóricas que nos possibilitam responder, em partes, aos questionamentos realizados até o momento, neste capítulo iremos realizar a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados para seleção e análise dos fatos utilizados. Sem dúvida, serão abordadas aqui as questões teóricas apresentadas anteriormente, pois são elas que fundamentam nosso estudo em termos metodológico e analítico. É a partir da teoria linguística benvenistiana e dos estudos enunciativos em aquisição da linguagem que iremos trabalhar nas próximas seções.

3.1. Os fatos enunciativos de aquisição de língua materna

Os dados que foram selecionados e serão analisados a seguir se tratam de fatos de linguagem coletados longitudinalmente com uma criança em fase de aquisição do português brasileiro, dos 11 meses aos 3 anos e 11 meses de idade. Esses dados estão publicados e é possível encontrá-los na obra de Silva (2009), na qual a autora realiza o deslocamento teórico da reflexão benvenistiana a fim de pensar no processo de aquisição de língua materna. Nessa perspectiva teórica, a autora defende que é por suas enunciações que a criança se historiciza e se singulariza no fio do discurso, e que são os adultos, seus pares nesse percurso, que lhe atribuem esse espaço enunciativo onde a criança encontra a língua. Esses dados retirados da obra de Silva (2009) serão revisitados, para que possamos observá-los a partir de um novo olhar, especificamente no que diz respeito à constituição do signo lexical na aquisição de língua materna.

3.1.1 Os fatos enunciativos do estudo

Os fatos enunciativos de linguagem selecionados para análise neste estudo pertencem à FRA, criança-informante que foi acompanhada por Silva em sua pesquisa de doutorado, em coletas longitudinais. Para cumprir com nosso objetivo de observar a constituição do signo lexical na fala infantil, foram selecionados três fatos enunciativos de linguagem de FRA. Por se tratar de dados em aquisição da linguagem, é importante trazermos a idade da informante em cada dado analisado. Nos recortes selecionados a criança está, respectivamente, com 2 (dois) anos, zero meses e cinco dias (Fato enunciativo 1), 1 (um ano), seis meses e doze dias (Fato enunciativo 2) e 2 (dois) anos, cinco meses e vinte e três dias (Fato enunciativo 3).

3.1.2 O sistema de transcrição

Para melhor familiarizar e situar o leitor, trazemos, abaixo, a convenção de transcrição utilizada nos dados selecionados neste estudo. Essa convenção foi elaborada por Silva (2009) em sua obra e utilizada na transcrição dos dados que a autora utilizou em sua análise. Ao trazermos nossos dados para análise, eles estarão dispostos em uma tabela que segue o modelo abaixo:

QUADRO 1 - Marcas de transcrição

Participantes: indicação dos participantes com as três letras iniciais do nome, que aparece nos turnos de fala e, entre parênteses, a explicação do tipo de familiaridade com a criança.

Data da entrevista: indicação da data em que a entrevista foi realizada. Exemplo: 10/06/2002

Idade da criança no momento da entrevista: indicação da idade da criança no momento que a entrevista foi realizada. Em ordem, anos, meses e dias de idade. Exemplo: 1;08.20. (Um ano, oito meses e vinte dias).

Situação: descrição da situação da coleta.

[?]: Transcrição suposta para o dizer da criança de difícil entendimento, indicando dúvida.

[XXX]: Quando a palavra ou frase não foi entendida pelo transcritor.

Com: indica comentários da situação de enunciação ou interpretações para os dizeres da criança.

@: pausa curta

@ @ @: pausa longa

[=]: Eventos não-verbais e breves explicações, como a dêixis (gestos de apontar

pessoas ou objetos). Exemplo: [= riso], para indicar risos.
 / : interrupção brusca de alguma palavra ou frase.
 ? : entonação de pergunta.
 ! : entonação de exclamação.
 ... : turno de fala em suspenso
 ,: marca utilizada para organizar turno de falas longos ou enumerações.
Marcas de interação:

- concordâncias: uh hu, uh hum, ãhhã
- discordâncias: uh uh, humhum, ãhãh

Fonte: Silva (2009, p. 211/212)

3.2. Procedimentos metodológicos

Antes de realizarmos a análise, iremos elencar alguns princípios teóricos básicos que justificam a seleção dos dados que veremos a seguir. Esses princípios baseiam-se na teoria enunciativa benvenistiana e nos estudos de aquisição. O primeiro deles é **o princípio da intersubjetividade**, que foi levantado e discutido no capítulo anterior. O que se pode dizer a respeito da intersubjetividade é que se trata do estabelecimento da relação enunciativa entre a criança e o outro, e a maneira como iremos operacionalizá-la diz respeito à verificação dessa relação no fio do discurso, e como pode contribuir para a instauração da criança como sujeito na língua. A importância da intersubjetividade ainda se explica quando pensamos que os sujeitos (*eu/tu*) não são tomados apenas como papéis reversíveis no diálogo, e sim “como instâncias de funcionamento linguístico-discursivo, nas quais os sentidos e referências são produzidos” (SILVA, 2009, p. 158). De acordo com o afirmado por Silva (2009). O princípio da intersubjetividade se relaciona fortemente com **o princípio da referência**, já que é a partir da relação intersubjetiva eu/tu que o par, na cena enunciativa, pode referir, correferir e estabelecer a referência no fio do discurso.

Com o objetivo de estabelecer mais uma vez a relação do princípio da intersubjetividade com o princípio da referência, apresentamos uma consideração acerca de como a criança se constitui (e é constituída) no fio do discurso com seus parceiros: “A produção da criança é constituída, na sua grande maioria, por segmentos colaborativos do adulto, já que ela se encontra na dependência desse outro” (Silva, 2009, p. 201). Assim sendo, é possível perceber que é através dessa dependência do adulto no fio do discurso (constitutivo também da intersubjetividade), que se estabelecerá a referência entre locutor e alocutário, o que vem a se relacionar

diretamente com *o princípio que trataremos a seguir: o princípio da integração da forma-sentido.*

Dessa maneira, retomaremos ***o princípio da integração forma-sentido***, uma vez que “a língua-discurso constrói uma semântica própria, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada uma não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo.” (SILVA, 2009, p. 219). E é nessa relação, de sintagmatização das unidades do discurso, pela relação intersubjetiva, que a criança e o outro realizam a integração dessas unidades em forma-sentido, constituindo referência no fio do discurso e possibilitando à criança a passagem da forma enunciativa (palavra no discurso) a signo lexical no sistema.

Agora que definimos quais serão os princípios teórico-metodológicos a serem considerados para a análise dos recortes enunciativos selecionados, partiremos para a apresentação e análise dos fatos enunciativos de FRA, nossa criança informante.

3.3. Análises dos fatos enunciativos de língua materna: a integração forma-sentido da palavra como unidade semântica a sua entrada como signo lexical

A partir do que foi levantado ao longo deste trabalho, iremos, nos próximos subitens desse capítulo, expor os dados selecionados e a análise deles. Para tal, trabalharemos com a unidade recorte enunciativo, que será esse espaço do discurso onde se concebe que determinado tema é referido e correferido na alocução.

3.3.1 Análise do recorte enunciativo 1

QUADRO 2 – Fato enunciativo 1

SESSÃO 7

Participantes: CLA (babá); AVÓ; CAR (tia, filmando)

Data da entrevista: 17-04-2002

Idade da criança: 1;6;12

Situação: FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente está brincando com livros, tirando-os da estante. Após toma chá, conversa com a AVÓ sobre fotos e deita-se. Depois, vai para a garagem.

Com: FRA abaixa-se para pegar algo que está no piso da cozinha.

AVÓ: XXX <ah tem umas coisa de cera que eu larguei no chão> [?] tá fechadu

Com: FRA sai para a garagem com dois recipientes de cera na mão.

FRA: gado @ ah [= gemendo]

AVÓ: dá pra vovó dá pra vovó tá pesadu

FRA: não

AVÓ: dá pra vovó [= batendo palmas] @ ah

FRA: ãi ui ui @ gadu [= carrega os recipientes e geme]

AVÓ: pesadu ui ui [= repetindo o dizer de FRA]

CAR: [= risos]

CLA: [= risos]

FRA: pesadu

CAR: [= risos]

AVÓ: pesadu @ ai

FRA: ai @ pesadu [= dirigindo-se para a frente da casa com os recipientes na mão]

AVÓ: pesadu XXX coisa séria o que ela foi se agradá de pegá [= comenta com CLA]

CAR: [= risos]

Com: silêncio.

FRA: sadu XXX gadu [= voltando para a garagem com os recipientes na mão]

XXX gadu GADU XXX GADU [= entrando na garagem]

AVÓ: tá pesadu?

FRA: XXX gadu

Neste recorte enunciativo, podemos perceber primeiro que há um momento no qual a avó de FRA apresenta a ela uma forma (“pesadu”), à qual a criança parece demonstrar a compreensão da forma a partir da tentativa de retomar o que AVÓ disse, ao enunciar “gado, gadu”. Com isso, podemos perceber um processo de integração da forma pela criança em seu discurso, o que denota a compreensão da palavra no discurso e reconhecimento da forma. Há a integração forma e sentido, a partir da realização de comentários dêiticos, constituídos pela relação de referência do *tu face* à presença de um referente. Como foi abordado na análise anterior, a macro-operação de referência também se faz presente neste recorte enunciativo, uma vez

que o estado de coisas que causa o discurso de AVÓ, é o fato de as sacolas estarem pesadas e esse fato mesmo é constatado por FRA em suas observações.

Assim, temos um estado de coisas, uma situação que gera essa troca no discurso e que faz com que FRA tente integrar a forma “pesado” ao seu discurso, gerando a forma “gado”. Uma questão também interessante de se observar neste recorte, é que mesmo FRA não produzindo a forma “pesado”, AVÓ compreende do que se trata, pois a referência já se encontra constituída no fio do discurso, e retoma a forma para que FRA possa apreendê-la. Podemos perceber, mais ao final do diálogo, que FRA passa da forma “gado” para “sado”, uma produção mais aproximada da palavra “pesado”, em seu discurso.

Assim, conseguimos também observar a primeira macro-operação, uma vez que é pela conjunção (*eu-tu*) e disjunção (*eu/tu*), que se estabelece um lugar enunciativo para FRA, para que ela possa se enunciar e posteriormente assumir a palavra (formas enunciativas no discurso como “sado” e “gado” no discurso) para caminhar em direção ao signo lexical “pesado”. Neste exemplo visto acima, é possível notar que a criança ainda está em uma relação de dependência do outro para o ajuste de forma e semantização da língua, porém também podemos observar que o reconhecimento da forma e a compreensão no fio do discurso estão presentes entre FRA e AVÓ.

Aqui também conseguimos observar que existe um funcionamento discursivo que permite um refazer de formas que mostra a ação da língua sobre a criança que, por meio de reinvenção, caminha em direção à apropriação do signo lexical em um movimento de reinvenção da língua. Com isso, a criança se singulariza em sua entrada na língua materna.

3.3.2 Análise do recorte enunciativo 2

QUADRO 3 – Fato enunciativo 2

SESSÃO 15

Participantes: AVÓ; CLA (babá) e CAR (tia, filmando)

Data da entrevista: 10-10-2002

Idade da criança: 2;00;05

Situação: FRA está na casa da AVÓ. No início, está na garagem com o gato, deitada na porta sobre um tapete. Após senta no piso da garagem, rodeada de brinquedos.

Com: FRA está na garagem da casa da AVÓ, interagindo com CAR, CLA e AVÓ.

Com: FRA olha para o gato que continua a dormir sobre o tapete. Depois, olha para a boneca que deslizou para o chão, puxando-a para sentar.

FRA: caiu

CAR: caiu, o nenê tá preguiçoso né?

FRA: ãh?

CAR: o nenê só qué dormi

FRA: é

CAR: essi nenê!

Com: FRA pega a boneca no colo.

FRA: çoso, aiguiçoso

CAR: é preguiçoso [= risos]

FRA: guiçoso

CAR: porque ele é preguiçoso?

FRA: XXXaiquécol

CAR: hum? Quécólu? [= risos]

FRA: é

No recorte enunciativo acima, o que podemos apontar primeiro é que ocorre uma aparente repetição do dizer do *tu* no discurso do *eu*. Assim, há uma demonstração da conjunção *eu-tu*. E isso diz respeito à primeira macro-operação enunciativa, na qual há a evidência da conjunção *eu-tu* e também da disjunção *eu/tu*. É, a partir desse primeiro mecanismo enunciativo, que é possível para a criança estabelecer um lugar no discurso e poder constituir-se enquanto sujeito de suas enunciações, historicizando-se na língua materna. Ou seja, é nesse movimento que a relação de pessoa é estabelecida entre os pares e a criança, com o auxílio do outro, passa a reconhecê-lo enquanto participante da cena enunciativa e, por sua vez, coloca-se enquanto sujeito. O que acontece nesse recorte também tem uma relação com o segundo mecanismo enunciativo, que se trata da constituição da referência no discurso. Quando CAR afirma que “o nenê tá preguiçoso, né?”, e depois completa com “o nenê só qué dormi”, por conta da não compreensão de FRA a respeito da forma agenciada no discurso “preguiçoso”, o que acontece é uma reformulação do discurso, uma adequação, em que está em jogo um “manejar” da língua e um refazer

de formas em uma compreensão do discurso em direção à semiotização das formas enunciativas “çoso” e “guiçoso” como signo lexical “preguiçoso”. FRA agencia as seguintes formas em seu dizer “çoso, aiguiçoso” em uma tentativa de apropriar-se da forma (que agora está munida de sentido, graças à acentuação da relação enunciativa no fio do discurso). Estabelece-se, assim, a referência constituída no fio do discurso entre “preguiçoso” e “quécól”. Esse diálogo que estamos observando teve origem por conta da observação de uma boneca que caiu sob a vista das duas participantes, sendo assim, um dos elementos que irá constituir-se no discurso enquanto referente (“o nenê só qué dormi”, “quécólu”). Conforme Silva (2009), aqui aparece a passagem da referência mostrada para uma referência constituída no discurso.

Temos aqui a presença também do segundo mecanismo, pois é a partir dele que se dá a semantização da língua, isto é, a maneira como as formas agenciadas passam a transmitir um sentido no discurso que pode ser compreendido e constituído pelo locutor e por seu alocutário. Lembrando que é pela necessidade de referir e pela possibilidade de correferir que a enunciação acontece. Como foi citado anteriormente, é a partir da retomada do dizer do outro e da reformulação desse dizer, que se possibilita a constituição de uma referência não apenas mostrada, e sim constituída no discurso. É a língua se refazendo sobre ela mesma em uma integração constante entre forma e sentido.

Essa é uma outra questão saliente nesse fato enunciativo: a criança refazendo sua língua a cada ato de enunciação, reatualizando formas e lhes atribuindo sentido no discurso. É a partir da singularidade de cada enunciação, que a criança irá historicizar-se no discurso, e é possível perceber isso a partir da maneira como FRA reinventa as formas enunciativas para reconhecer o signo lexical “preguiçoso”, demonstrando que as formas da língua se renovam a cada ato individual de utilização e de como a língua age sobre a criança na enunciação.

3.3.3 Análise do recorte enunciativo 3

QUADRO 4 – Fato enunciativo 3

SESSÃO 23

Participantes: CAR (tia, filmando) e AVÓ

Data da entrevista: 28-03-2003

Idade da criança: 2;05.23

Situação: FRA está em casa de sua AVÓ, conversando com CAR e com a AVÓ.

Com: CAR sai, vai até o armazém compra pirulito e volta.

CAR: adivinha o que qui a tia troxi? O que qui a tia troxi pra Queca lá do armazém?

FRA: **o quê?**

CAR: adivinha o que qui a tia troxi?

FRA: ãh?

CAR: é

FRA: pu que, quem é toxi?

CAR: ãh?

FRA: quem é toxi?

CAR: eu troxi

FRA: dexaeu vê tão

CAR: [= risos] adivinha

FRA: dexaeu vê vinha

CAR: [= risos]

FRA: XXX

CAR: ãh?

FRA: deixa eu vê vinha tia

AVÓ: adivinha é o negósiuqui ela pensa qui é o nomi [= comenta com CAR]

CAR: ah tá @ o que qui a tia troxi?

FRA: avinha

CAR [= risos] @ não não é adivinha @ o que qui a tia troxi? Pensa um poquinho

FRA: quem é a tia troxi?

CAR: não sei, o que quitu acha?

FRA: não sei

CAR: não sabi?

FRA: [= responde negativamente com a cabeça]

CAR: hum

Com: CAR entrega um pirulito para FRAN.

Ao analisar o fato enunciativo 3, é possível perceber que há uma não compreensão do *eu* acerca do dizer do *tu*. Isso comparece quando FRA, a partir do

agenciamento das formas da função sintática de interrogação, evoca dúvida: “quem é troxi?”. Isso mostra que FRA atribuiu a essa palavra a posição discursiva de “tu”. Nessa situação discursiva, a forma “adivinha” transita na inversibilidade enunciativa como “adivinha”, quando CAR se implanta como locutor e como “vinha” quando FRA se inverte do lugar de alocutário para locutor. Percebemos nesse fato enunciativo formas não coincidentes e a dificuldade da criança em atribuir referência ao discurso por não compreender os sentidos das formas agenciadas por CAR. A não compreensão da palavra no discurso dificulta também a identificação dessa forma “adivinha” como pertencente à língua.

Após, ocorre a intervenção da AVÓ para que CAR entenda que FRA não conseguiu compreender a forma “adivinha” no fio do discurso. Na sequência, quando CAR questiona novamente “o que que a tia trouxe?”, a enunciação de retorno de FRA é “avinha”; ou seja, na semantização do discurso, a criança atribuiu à “adivinha” o referente ao “o que a tia trouxe”, em sua tentativa de estabelecer o sentido no fio do discurso de semantizar as formas agenciadas por CAR. O não estabelecimento de referência para “tia troxi” e “adivinha”, faz com que FRA busque a referência no fio do discurso como tentativa de confirmar e reformular o seu dizer.

Podemos observar que há uma grande tendência da criança na reinvenção das formas, o que mostra a língua agindo sobre a criança na enunciação. E isso se dá porque a criança em aquisição, em suas enunciações, está sempre em processo de renovação da sua língua, a inventando e reinventando a cada vez que comparece no fio do discurso.

Ao observar esse fato enunciativo, é possível notar que, ao longo do percurso de FRA para tornar-se sujeito nos discursos de sua língua materna, há uma constante renovação e uma tentativa de adequar-se às formas que são produzidas por seus pares.

3.3.4. Síntese das análises

Como foi possível observar em cada uma das análises, há alguns fenômenos percebidos nos recortes enunciativos que se assemelham e se diferem em alguns pontos. Quando pensamos a respeito da unidade do discurso, a palavra na frase, temos que levar em consideração que a frase comporta duas propriedades importantes: referência e sentido. De acordo com Benveniste:

(...) vemos nessa dupla propriedade da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando aprende a falar e pelo exercício incessante da linguagem em todas as situações. (BENVENISTE, 2005, p. 140)

Ou seja, é a partir dessas propriedades principais da frase que a criança é capaz de realizar a análise do que é enunciado por ela e pelo outro. Assim sendo, é pelo “exercício incessante da linguagem” que é possibilitado, através da relação discursiva com seus pares, a criança passar de *infans* a falante.

Como principal resultado das análises, mostramos que as três macro-operações de Silva (2009) estão presentes no ato de aquisição de língua materna, pois estão ligadas a três princípios teórico-metodológicos: o princípio da intersubjetividade, o princípio da integração forma e sentido e o princípio da referência.

Por meio da análise, observamos que, no fio do discurso, a criança maneja as formas na enunciação juntamente com o outro em movimentos que revelam um refazer da língua sobre ela mesma. Nessas reformulações de formas no discurso e produção de sentidos, a criança chega à palavra como condição de semiotização do signo lexical. Assim, a integração forma e sentido no discurso, por meio da compreensão, leva a criança à identificação do signo lexical no semiótico.

É a relação semiótico e semântico como a condição da entrada da criança na língua, relação que somente pode ser costurada porque a criança está imersa em enunciações.

3.4. Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos alguns dos princípios teóricos que estiveram presentes durante a seleção de dados e na análise desses dados. Para tal, mobilizamos a noção de intersubjetividade, condição primordial para se realizar o estudo em aquisição, uma vez que teremos uma relação acentuada entre a criança e seus pares, que lhe concedem um lugar enunciativo e que por meio de operações, como a operação de pessoa e de referência, a auxiliam a estabelecer-se enquanto sujeito. Também discorreremos a respeito da atribuição do lugar enunciativo que é realizada pelo adulto, o que possibilita que a criança possa reconhecer-se enquanto sujeito e instaurar-se na sua língua materna.

Ao tratar dos procedimentos metodológicos utilizados, retomamos alguns princípios teóricos que foram abordados anteriormente, principalmente no que se refere à teoria enunciativa de Émile Benveniste e o estudo prospectivo de Silva (2009), no que se trata das macro-operações do ato de aquisição da linguagem. A partir do estabelecimento do lugar de cada uma dessas macro-operações, foram estabelecidos também princípios básicos a serem observados no momento de realizar a seleção dos recortes enunciativos para a análise, sendo eles: o princípio da intersubjetividade, o princípio da referência, e o princípio da integração forma e sentido.

O procedimento de análise foi realizado a partir das categorias mencionadas anteriormente e trataram de verificar de que forma a criança assume seu lugar enquanto sujeito no fio do discurso, ao que podemos destacar a primeira e a terceira macro-operações enunciativas. O ponto principal para as análises realizadas foi que é por meio da palavra, unidade intermediária do discurso, que a criança pode estabelecer a referência para, então, referir e correferir a partir de seu discurso. Nesse movimento, a criança maneja a língua refazendo formas e produzindo sentidos para compreender a palavra no discurso e identificar o signo lexical na língua.

Concluimos, então, que o papel do adulto no processo de entrada da criança na língua é fundamental, pois serve de “mediador”, já que, por meio da propriedade de reconhecimento das unidades agenciadas pela criança, possibilita à criança refazer a língua sobre ela mesma.

A relação entre a palavra e o signo lexical mostra também o papel das funções de reconhecimento e compreensão no fio do discurso para a criança poder semantizar a língua-discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão a respeito da teoria benvenistiana da linguagem e da tematização da obra do autor a respeito da aquisição da linguagem e do estudo das teorias prospectivas a respeito da aquisição de língua materna, foi possível tecer uma fundamentação teórica que abordasse as principais questões envolvidas na temática abordada. O estabelecimento de nossa questão problema, a passagem da palavra para o signo lexical, foi respondida por meio das problemáticas tratadas ao longo dos capítulos teóricos e metodológico-analítico.

Neste trabalho, buscamos compreender como, em suas relações enunciativas, a criança faz a passagem da forma enunciativa, enquanto palavra no discurso constituída em forma e sentido, a signo lexical. Para isso, tivemos uma primeira seção teórica na qual explicitamos as principais concepções teóricas de Émile Benveniste, que apesar de não ser um teórico da aquisição da linguagem, tematizou a respeito dessa questão em sua obra. Ao trabalharmos as principais noções abordadas por Benveniste em sua obra, definimos alguns termos como: linguagem, língua e enunciação. Para o autor, a linguagem é uma faculdade inerentemente humana, com sua propriedade simbólica, que possibilita à língua significar e ao humano significar por meio da língua. Ao atualizar essa língua na enunciação, funda a comunicação intersubjetiva. Já a língua divide-se em dois domínios: o semiótico, que é a língua-sistema, e o semântico, que se relaciona à língua-discurso.

Assim, a criança por estar na enunciação, movimenta-se nesses dois modos de ser língua, fazendo a passagem da forma enunciativa, compreendida como unidade palavra no discurso (domínio semântico) a signo lexical (domínio semiótico).

Por meio da análise de três fatos enunciativos de uma criança no período de 1 ano e 6 meses a 2 anos e 5 meses de idade, observamos que, no fio do discurso, a criança maneja as formas na enunciação juntamente com o outro em movimentos que revelam um refazer da língua sobre ela mesma. Nessas reformulações de formas no discurso e produção de sentidos, a criança chega à palavra como condição de semiotização do signo lexical. Assim, a integração forma e sentido no discurso, por meio da compreensão, leva a criança à identificação do signo lexical no semiótico.

Em trabalhos posteriores, acreditamos que ainda há muito o que possa ser explorado a respeito do papel da unidade “palavra” no percurso da aquisição da

linguagem pela criança, principalmente relacionada ao princípio da intersubjetividade que está sempre presente nas relações enunciativas criança-outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Gerall*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CAVARERO, A. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

SILVA, C. L. da C., OLIVEIRA, G. F., & DIEDRICH, M. S. (2022). A teoria da linguagem de Émile Benveniste: uma abertura para os estudos em aquisição da linguagem. *Fragmentum*, (56), 259–280. <https://doi.org/10.5902/2179219447445>, publicação do original em 2020.

DIEDRICH, M. S. Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FLORES, V do N. *Do infansao Homo loquens*. In: *Problemas Gerais de linguística*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 2019. ISBN: 8532663818, 978853266381

FLORES, V. do N.; SURREAUX, L. M. A voz e a enunciação. *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. NEUMANN, D.; DIEDRICH, M. (Orgs.). Passo fundo: Méritos, 2012.

LAGUNA, I. *Do morfema à frase: a integração forma-sentido no discurso como constitutiva do nascimento da criança na cultura*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2015

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, C. L. C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, C L. C. A questão da unidade na forma e no sentido: implicações para os estudos textuais e gramaticais. *Desenredo*, v. 14, p. 380-393, 2018.

SILVA, Carmem Luci da Costa. A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. Tese (Doutorado Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Porto Alegre, 2007.

SILVA, C. L. C. . Os movimentos enunciativos da criança na linguagem. *Revista da Abralin*, v. especial, p. 77-94, 2011.

SILVA, C. L. C. . A instauração da criança na linguagem: um estudo enunciativo. In: VI Congresso Internacional da Abralín, 2009, João Pessoa. *ANAIS do VI Congresso Internacional da ABRALIN* - volume 1, 2009. v. 1. p. 82.

SILVA, C. L. C. . A operação de referência no ato de aquisição da linguagem. In: *SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*, 2010, Porto Alegre. *SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso- Anais*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2010. v. 1. p. 88-93.

SILVA, C. L. C. Significar para se instaurar na língua materna: vestígios da reflexão da criança na linguagem. *Revista Linguística (Online)* , v. 35, p. 59-73, 2019.

SILVA, C. L. da C.; FLORES, V. N. A significação e a presença da criança na linguagem (La signification et laprésence de l'enfant dans le langage). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 133-149, 2015. DOI: 10.22481/el.v13i1.1284.

Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1284>. Acesso em: 24 jan. 2022.

TEIXEIRA, M.; MESSA, R. M. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, v. 13, n. 1, p. 97-116, 2015.